

SILVA, Henrique Cesar Hokamura; COSTAS, Ana Maria Rodriguez. **Quando os corpos dizem não: a poética das imagens na criação de uma obra coreográfica.** Campinas: UNICAMP. Iniciação científica; Orientadora: Ana Maria Rodriguez Costas (Ana Terra). Bolsa Pesquisa/SAE. Profa. Dra. do Departamento de Artes Corporais e do PPGAC do Instituto de Artes da UNICAMP.

Resumo: Este artigo discorre sobre o processo criativo da pesquisa coreográfica “Quando os corpos dizem não”. O estudo teve como propósito desenvolver uma pesquisa no campo da criação em dança. O intérprete-criador desenvolveu um processo criativo a partir do diálogo entre imagem e dança, tendo como escolha inicial as fotos e vídeos da exposição Levantes, com curadoria de Georges Didi-Huberman. A motivação primeira da pesquisa surgiu do interesse do proponente de entender os processos de emissão e recepção de estímulos criativos através de imagens na investigação de gestos e movimentos, e como o material coreográfico resultante pode provocar a emergência de imagens, na recepção da obra, por parte do público. Amparado inicialmente pelas pesquisas em artes de Costas (2010), Lima (2008), Lobo e Castro (2008), o desenvolvimento do projeto realizou as seguintes ações: análise e seleção de imagens da exposição Levantes; reconhecimento de como estas figuras estimulam o imaginário do pesquisador por meio de sessões de improvisação; seleção do material cênico investigado para construção de um estudo coreográfico; apresentação pública do trabalho, seguida de uma roda de conversa onde o público é convidado a contribuir expondo suas percepções. A observação das relações entre as associações imagéticas trazidas pelo público e aquelas que motivaram a criação do proponente fomentaram ainda, discussões a cerca dos fenômenos autoritários dirigidos pelo atual governo contra distintos setores da população.

Palavras-chave: Dança. Processo Criativo. Imagens. Levantes.

Abstract: This article discusses the creative process of the choreographic research “When bodies say no”. The purpose of the study was to develop research in the field of dance creation. The interpreter-creator developed a creative process based on the dialogue between images and dance, with the choice of photos and videos from the Uprisings exhibition, curated by Georges Didi-Huberman. The primary motivation for the research arose from the proponent's willingness to understand the processes of emission and reception of creative stimuli through images in the investigation of gestures and movements and how the resulting choreographic material can provoke the emergence of images in the reception of the work by the public. The development of the project was initially supported by the research in the arts of Costas (2010), Lima (2008), Lobo and Castro (2008), and the following actions were carried out: the analysis and selection of images from the Uprisings exhibition; recognition of how these images stimulated the researcher's imagination through improvisation sessions; selection of the discovered scenic material to build a choreographic study; public presentation of the work, asking the public to contribute by exposing their perceptions in a conversation circle. Finally, the relationships between the public's mental images and those that motivated the creation of the proponent were observed.

Keywords: Dance. Creative Process. Images. Uprisings

INTRODUÇÃO

O processo criativo “Quando os corpos dizem não” é resultado do projeto de pesquisa CORPO-IMAGEM? CORPO-IMAGEM! - uma investigação coreográfica. Esse projeto teve como propósito desenvolver uma pesquisa corporal no campo da criação em dança a partir de imagens. As imagens selecionadas para esta pesquisa foram as obras constituintes do portfólio “por gestos (intensos)” da exposição LEVANTES que teve curadoria do filósofo George Didi-Huberman. A exposição foi escolhida como universo temático devido ao seu conteúdo propor uma reflexão sobre momentos, gestos e ações que pretendem de algum modo ir contra uma forma opressora de poder. No âmbito de uma pesquisa em dança, procurei realizar esta reflexão corporalmente, elegendo a exposição como recorte de pesquisa. Aliado a pesquisa corporal, a partir dos estímulos das imagens, houve o interesse em observar como o trabalho coreográfico resultante poderia ser recebido imagetivamente pelo público.

Foram identificadas três etapas no processo de trabalho nomeadas de estimulação-imagem, criação-imagem e recepção-imagem. A estimulação-imagem refere-se ao momento de sensibilização a partir das imagens; a criação-imagem relaciona-se ao momento de gerar movimento/gestos/ações a partir desta sensibilização; e, a recepção-imagem acontece no momento em que o público informa o artista-pesquisador sobre quais imagens perpassaram sua imaginação enquanto observavam a apresentação. Importante ressaltar que o trabalho foi apresentado, publicamente, duas vezes; a primeira vez, em um ensaio aberto que ocorreu no dia 16 no mês de abril de 2019 e a segunda vez, no período de finalização da pesquisa, como um compartilhamento, no dia 27 de junho de 2019. Em abril o público não teve nenhum conhecimento prévio do universo temático da pesquisa sabendo apenas do que se tratava no final da apresentação; já em junho estiveram presentes algumas pessoas que conheciam a pesquisa por terem acompanhado o ensaio aberto e outros que estavam tendo seu primeiro contato com o trabalho naquele momento.

Após esse panorama geral do processo irei apresentar a seguir como se desenvolveu a pesquisa e como organizei este artigo a partir de alguns tópicos. No primeiro, *A exposição*, introduzo o formato da exposição levantes, insiro algumas imagens da mesma e disserto sobre o conceito de levante. No segundo, *Etapas do processo criativo*, relato minha experiência em investigar o uso de imagens para um processo criativo em dança; no terceiro, *Relação arte-mundo*, contextualizo a pesquisa para além dos laboratórios de criação; e por último apresento algumas considerações finais.

1 A EXPOSIÇÃO

A exposição Levantes ocorreu no Sesc Pinheiros entre os meses de outubro de 2017 e janeiro de 2018. O curador da exposição foi o filósofo, historiador e crítico de arte Georges Didi-HUBERMAN, que também atua no campo de pesquisa da antropologia da imagem. Segundo Luana Wedekin¹ (2018), a exposição é composta por pinturas, gravuras, desenhos, fotografias, filmes e escritos configurando um conjunto de “300 obras datando de 1744 [...] até 2016, com trabalhos de pelo menos 100 artistas de diversas partes do

¹Professora do Departamento de Design do Centro de Artes da UDESC e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Linha de Teoria e História das Artes Visuais. Pós-doutora na linha de Teoria e História da Arte.

mundo, os quais abordaram direta ou indiretamente o tema da sublevação” (p.28). A exposição foi organizada em cinco partes que chamarei aqui de portfólios: I. por elementos (desencadeados), II. por gestos (intensos), III. por palavras (exclamadas), IV. por conflitos (abrasados), V. por desejos (indestrutíveis). A exposição abordou subtemas diferentes dentro do universo dos levantes.

Em “por elementos (desencadeados)”, Didi-Huberman (2017) compara as forças da natureza como levantes em potenciais, sendo assim, ele utiliza as metáforas: “ondas’ de revolução, insurreições como ‘furacões’, situações que ‘contrariam todas as leis da atmosfera’, põem o mundo de ‘pernas para o ar’” (WEDEKIN, 2018, p. 29, grifos da autora).

Figura 1 O “panoramic Sea Happening – Sea Concerto, Osieki” de Tadeus Kantor, 1967.



Eustachy Kossakowski
Fonte : Levantes (2017, p114)

Figura 2 Patriot, série “Airborne”, 2002 Centre national des Artsplastiques, Paris

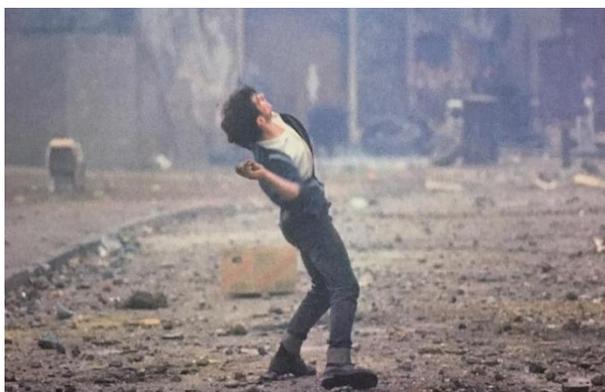


Dennis Adams
Fonte: Levantes (2017, p.99)

Em “por gestos (intensos)” o filósofo apresenta imagens de pessoas em momentos de tensão, em que a força do desejo deixa revelar o gesto até então escondido. “Antes mesmo de se afirmarem como atos ou como ações, os levantes surgem dos psiquismos humanos como gestos: formas corporais” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.301). Neste sentido, o autor complementa:

Levantar-se é um gesto. Antes mesmo de começar e levar adiante uma “ação” voluntária e compartilhada, o levantar se faz por um simples gesto que, de repente, vem revirar a prostração que até então nos mantinha submissos. Levantar-se é jogar longe o fardo que pesava sobre nossos ombros e entravava o movimento. É quebrar certo presente e erguer os braços ao futuro que se abre. É um sinal de esperança e de resistência. É um gesto e uma emoção. No gesto do levante, cada corpo protesta por meio de todos os seus membros, cada boca se abre e exclama o não da recusa e o sim do desejo. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 117, grifo do autor)

Figura 3 Manifestants Catholiques Bataille Du Bogside, Derry, Irlanda Du Nord, agosto de 1969
Fondation Gilles Caron



Gilles Caron

Fonte: Levantes (2017, p. 139)

Em “por palavras (exclamadas)” Didi-Huberman aponta as palavras que foram utilizadas como uma maneira de ir contra a uma forma opressora de poder, tanto as palavras escritas como as faladas. “Braços se ergueram, bocas exclamaram. Agora precisamos de palavra, frases para o dizer, o cantar, o pensar, o discutir, o imprimir, o transmitir” (2017, p.157)

Figura 4 Seja Marginal Seja Herói, 1968 Coleção particular



Hélio Oiticica

Fonte: Levantes (2017, p. 182)

Figura 5 Inserções em circuitos ideológicos 2: Projeto Cédula, 1970 Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri



Cildo Meireles.

Fonte: Levantes (2017, p. 185)

Em “por conflitos (abrasados)” há imagens de greves, manifestações, revoluções e campos de combate armado. Sobre estes aspectos de conflito Didi-Huberman comenta.

Então tudo se inflama. Tem quem veja nisso apenas o puro caos. No entanto, outros veem surgir formas de um desejo de ser livre, formas de vida em comum durante as greves. Dizer manifestamos é constatar que algo surgiu, algo decisivo. Mas foi preciso um conflito. (2017, p.207)

Figura 6 Autoimolação pelo fogo do monge budista Thich Quang Duc em Saigon, 1963. Agência AP/SIPA



Malcolm Browne

Fonte: Levantes (2017, p. 253)

Em “por desejos (indestrutíveis)” as imagens nos convidam a pensar a esperança e a memória do gesto. “Mas a força sobrevive ao poder. Freud dizia que o desejo é indestrutível. Mesmo quem sabe estar condenado— nos campos

de concentração, nas prisões– busca meios de transmitir um depoimento, um apelo.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.255).

Figura7 Beaubien Street, 1971 Coleção Joseph A. Labadie
Special Collections Library, University of Michigan



Ken Hamblin

Fonte: Levantes (2017, p. 268)

Tendo em vista que a exposição era itinerante e minha pesquisa visou o trabalho com as imagens nela presentes, comprei seu catalogo e trabalhei com as imagens a partir dele. Para minha surpresa notei que na introdução do catalogo estavam os ensaios de Nicole Brenez, Judith Butler, Marie-José Mondzain, Antonio Negri e Jacques Rancière. Destes, utilizei os textos de Butler, Negri e Mondzain para auxiliar no entendimento do conceito de levante.

Em seu ensaio, Butler nos convida a ver o levante como a consequência de uma sensação de que o limite foi ultrapassado: reafirmação de não aceitar um sofrimento inaceitável; “um pôr-se de pé junto a outros contra uma forma de poder; se mostrar e se fazer ouvir onde é proibido se mostrar e se fazer ouvir” (BUTLER, 2017, p.25).

Sob o título o acontecimento “levante” Negri (2017) trás uma reflexão do levante como fenômeno em si mesmo. O autor se refere ao levante como algo linguístico e performativo, uma passagem do dizer ao fazer, em que, sem o dizer não há levante. Segundo Negri “um manifesto, um escrito, uma inscrição, uma mensagem, um símbolo, uma bandeira; um simples aperto de mão para perguntar ou aprovar; ou ainda o punho fechado: são palavras”. (p. 45), por tanto podem ser consideradas levantes.

A autora Mondzain chamou minha atenção com o ensaio “Para os que estão no mar” devido ao fato do texto ter uma escrita menos linear. Sua estrutura textual é composta por dez pequenas partes organizadas por subtítulos que nos remetem a ações da dança e do levante, por exemplo: de pé, gravidade, peso, contrapeso, educar/elevar, voar, o salto entre outros. Por ter essa referencia entre as palavras que perpassam a linguagem da dança e do levante, campos que eu estava pesquisando, utilizei este texto para compor a roteirização da dança-solo que foi apresentada no ensaio aberto. Discorrerei sobre esta roteirização mais adiante.

Conversando com a minha orientadora notamos que para conquistar um aprofundamento na investigação precisaríamos escolher um dentre os cinco

portfólios presentes na exposição como recorte de pesquisa. O portfólio escolhido foi “por gestos (intensos)”; a escolha teve relação com o assunto abarcado nas imagens, que eram em sua maioria gestos que poderiam ser utilizados para o início das improvisações em dança. Tendo em vista que já vinha pesquisando as especificidades da gestualidade (LIMA, 2013).

2 ETAPAS DO PROCESSO CRIATIVO

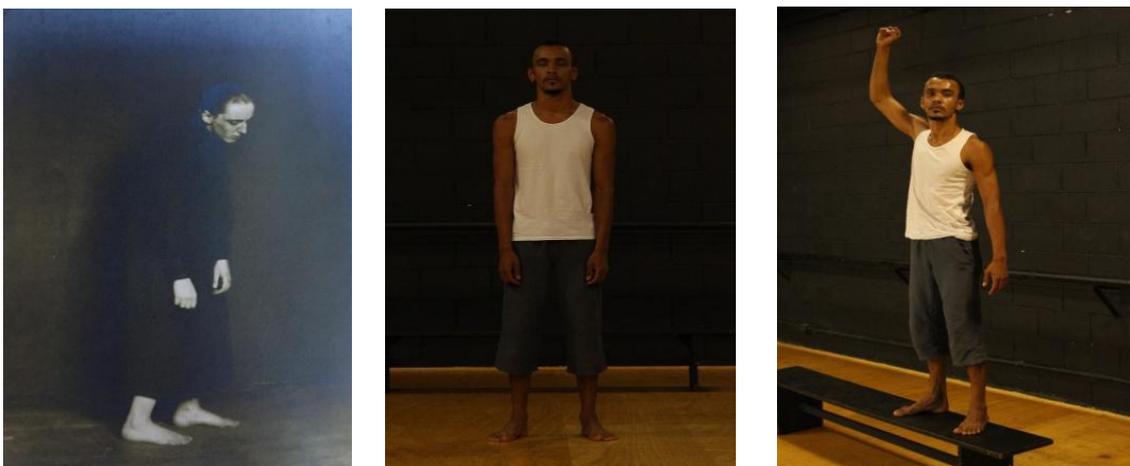
Como já citado na introdução deste artigo o processo criativo contou com três etapas: estimulação-imagem, criação-imagem e recepção-imagem. Importante ressaltar que estas etapas não estavam previstas no projeto. Tal identificação surgiu no final da pesquisa ao analisar os trajetos traçados no processo. Em outras palavras, a própria experiência prática possibilitou a conceituação de elementos presentes no percurso metodológico, prático-teórico.

Apresento aqui as três etapas separadas entre si para facilitar a organização da transdução do processo dançado ao escrito. Mas sinalizo que nas experimentações em laboratórios o processo de estimulação-imagem e criação-imagem perpassavam-se entre si, de modo que pude notar um ciclo de retroalimentação entre sensação (estímulo-imagem) e composição cênica (criação-imagem).

2.1 estimulação-imagem

Este momento esteve mais presente nos meses iniciais da pesquisa em que foi necessário exercitar o saber-sentir (COSTAS, 2010). Tomar contato com o próprio corpo, ter uma melhor propriocepção de si para aguçar os sentidos, estar mais sensível ao modo como perceber as imagens. E também nas preparações corporais, momento em que de certa forma mapeei o rumo da improvisação que viria a seguir.

Figura 8 Copilação do autor



Primeira imagem: Germaine Krull. Fonte: Levante (2017, p.118)

Segunda e terceira imagem: Abertura de processo “Quando os corpos dizem não”, 2019, Campinas-SP.

Foto: Nathanael Martins

Penso neste mapeamento como um processo de plantio, no qual dependendo da semente que você escolhe plantar é necessário escolher uma terra específica onde plantá-la. Saber se a semente é mais adaptável a um clima quente ou frio, se necessita de água com frequência ou não, entre outras coisas. Nesse caso, a semente é a experimentação corporal, a terra escolhida é preparação corporal, a flor que virá a desabrochar é o trabalho cênico final, o jardineiro é o interprete-criador e os conhecimentos das especificidades da semente são as habilidades e as competências do artista.

Neste sentido, quanto mais experiência o interprete-criador tiver, maior seu arcabouço de habilidades e competências. Mais informação terá sobre a semente que pretende plantar, possibilitando assim maior desenvolvimento da mesma. Vale ressaltar que tais habilidades e competências não estão necessariamente ligada aos conhecimentos teóricos do artista, mas também, a seus conhecimentos práticos, sua experiência de vida e o modo como enxerga seu entorno social.

No processo criativo desta pesquisa, minha orientadora e eu notamos que uma das dinâmicas de movimentação presentes nos momentos de percepção do corpo eram as quedas, as pausas e a gestualidade das mãos. Então focamos o trabalho da preparação corporal em exercícios que visavam o estudo da gravidade, o trabalho com apoios do corpo, a experimentação de pausas para apropriar-me da percepção do corpo e a construção de imagens até chegar nas improvisações em que o foco era a relação entre a gestualidade e as imagens do portfólio “por gestos (intensos)”.

2.2 criação-imagem

Esta foi uma etapa do processo na qual ocorreram improvisações a partir do estímulo sensorial, visual e a partir da memória corporal do portfólio “por gestos (intensos)”. E também o momento em que houve a seleção dos materiais presentes nas improvisações para a concepção dramaturgica da dança-solo final (LOBO; CASTRO, 2008). Este processo de concepção dramaturgica se fez importante, pois uma das minhas inquietações como artista é saber quais conexões representativas/imagéticas o público faz ao assistir uma apresentação de dança contemporânea, neste caso, em que não eram fornecidas informações prévias sobre a temática do trabalho. Em outras palavras, assistir um trabalho de dança contemporânea sem olhar seu *release* ou programa. Sem passar por este processo de “tradução” de um sistema não-linguístico (o movimento) para um sistema linguístico (a língua/fala) conforme concebido pelo linguista Ferdinand de Saussure (COELHO NETTO, 1980).

Como disse anteriormente, para me auxiliar no estudo da concepção dramaturgica tracei um roteiro coreográfico inspirado no ensaio “Para os que estão no mar...” (MONDZAIN, 2017). A escolha deste texto foi uma opção poética, devido ao fato da autora fazer um percurso da prostração ao levantar, utilizando subtítulos que possuem em seus títulos e também em seus conteúdos palavras que vão de encontro com o campo da dança e do ato levantar. Abaixo apresento como estabeleci relações entre algumas imagens do portfólio “por gestos (intensos)”, o ensaio “Para os que estão no mar”, e o trabalho de estimulação-imagem para a concepção dramaturgica. Para nomear os três subtítulos que seguem abaixo escolhi os títulos dos subtítulos do ensaio de Mondzain (2017).

2.2.1 gravidade, peso, contrapeso

Figura 9 Die Tanzerin Jo Mihaly,
1925 Museum Folkwang, Essen



Germaine Krull
Fonte: Levantes (2017, p. 118)

Figura 10 Die Tanzerin Jo Mihaly
in "Revolution" Paris, 1925
Museum Folkwang, Essen



Germaine Krull
Fonte: Levantes (2017, p. 119)

“Uma raiva impetuosa nos arranca do chão, mesmo que pague um preço tão jubiloso quanto perigoso, o preço do incontrolável” (MONDZAIN, 2017, p.51).

Estas duas imagens apresentadas à cima (figura 9 e figura 10) costuraram todo processo criativo. Seu sentido de oposição entre a prostração e o levante me fez refletir a importância do fator peso/gravidade para a pesquisa corporal. Ao analisá-la eu percebia a importância do tônus muscular na construção de sentido do ato de levantar.

2.2.2 entre terra e céu

Figura 11 Losbruch, 1902-1903 Kathe
Kollwitz Museum Kolh, Colônia



Kathe Kollwitz
Fonte: Levantes (2017, p. 123)

Figura 12 Aufruhr, 1899
Kathe Kollwitz Museum Koln, Colônia



Kathe Kollwitz
Fonte: Levantes (2017, p. 122)

“Levantamento rima com acontecimento, mas parece hesitar, talvez negociar, entre o movimento contínuo que ‘desloca as linhas’ em direção às alturas, sem brutalidade nem ruptura, e a força eruptiva do salto que assume os riscos da vertigem e da queda” (MONDZAIN, 2017p. 53, grifo da autora).

Estas imagens (Figura 11 e Figura 12) me trouxeram a sensação do arrastar pelo chão sem o apoio dos braços. Como se caminhasse com a vontade de vencer alguma coisa, mas tendo uma “limitação”, que ao invés de impedir, alimenta esta vontade. Esta sensação dentro do processo veio no sentido de levantar do chão sem o apoio dos braços/mãos, criando assim uma energia visceral que vem do centro do corpo. fazendo uma analogia com a imagem, é como se eu precisasse percorrer esse caminho entre o estar deitado (chão/prostração) e o estar de pé (levantando/levante)

2.2.3 de pé

Figura13 Valeska Gert, “Olé”



Lisette Model

Fonte: Levantes (2017, p. 121)

Figura 14 Metropole Café, New York, c. 1946



Lisette Model

Fonte: Levantes (2017, p. 120)

Estamos vivendo um período de relaxamento generalizado de mentes e corpos? Talvez. Frente ao sono político que entorpece todas as faculdades do sonho [...]. Digo “levante” e tenho a impressão de ouvir um rumor distante, tão distante que não sei bem se é retorno jubiloso de uma velhíssima lembrança ou o último murmúrio de uma voz que se afasta e vai se apagando para nunca mais voltar (MONDZAIN, 2017, p. 48, grifo da autora).

As sensações destas imagens (Figura 13 e Figura 14) estavam presentes em meu corpo no começo do processo criativo, aos poucos elas foram se dissipando, uma hora ou outra elas apareciam nas sessões de improvisações, mas não como tema central, e sim uma passagem. Elas me trouxeram a sensação de olhos cansados. Cansados no sentido de não aguentar mais fazer alguma coisa ou então olhos cansados de não querer ver mais alguma coisa. Como se os olhos entrassem em um estado de transe e perdessem a percepção do que o corpo está fazendo.

As imagens abaixo (Figura 15 e Figura 16) foram o gatilho do levante enquanto ação. Trouxeram-me a vontade de me elevar em algum lugar, me fazer ser visto durante o imprevisto. Foi então que surgiu em cena um objeto cênico – um banco – para concretizar a vontade de se destacar.

No momento em que estive em cima do banco não pensei necessariamente nessas imagens (Figura 15 e Figura 16); elas tiveram a função apenas de criar este impulso de se destacar, de se fazer visto, de se elevar.

Figura 15 Rose Zaehner, grève aux usines Javel-Citroen, 1938



Willy Ronis

Fonte: (Levantes (2017, p. 135)

Figura 16 Révolutionnaires sur une barricade, projet de frontispice pour "Le Salut public", 1848



Gustave Courbet

Fonte: Levantes (2017, p. 134)

Não se trata certamente de ressuscitar, mas de triunfar sobre o peso e a gravidade de tudo o que barra a orça e a leveza dos corpos livres, vivos, pensantes e desejantes que dançam. [...] à mesma distância do caos e da queda, o que se levanta se eleva entre aquilo de que nos desligamos e aquilo a que queremos nos ligar. (MONDZAIN, 2017, p.49)

Figura 17 Mulher com bandeira, México, 1928



Tina Modotti

Fonte: Levantes (2017, p. 125)

Figura 18 Trabalhador, México, 1928



Tina Modotti

Fonte: Levantes (2017, p. 126)

As figuras 17 e 18 foram as que mais me chamaram a atenção no processo. Ao observá-las senti uma grande necessidade de estar segurando algo pesado sobre os ombros. Neste sentido eis que surge o banco, aquele mesmo banco em que eu me levantava para me fazer ser visto, sendo o mesmo banco que me pesava as costas. A partir desse paradoxo entre o elevar e o pesar que o objeto me trouxe eu comecei a investigar a minha relação com ele, que acabou se tornando um outro em cena. Me pesava às “costas”, me elevava fazendo-me ser visto e ao mesmo tempo fazia-me ter medo da queda



Primeira imagem: Claude Cattelain, vídeo Hebdo 46, 2009-2010 Fonte: Levantes (2017, p. 129)
 Segunda imagem: Sobreposição entre a imagem de Claude Cattelain e imagem da abertura de processo: Quando os corpos dizem não, 2019, Campinas-SP. Terceira imagem: abertura de processo Quando os corpos dizem não, 2019, Campinas-SP. Foto: Nathanael Martins

2.3 recepção-imagem

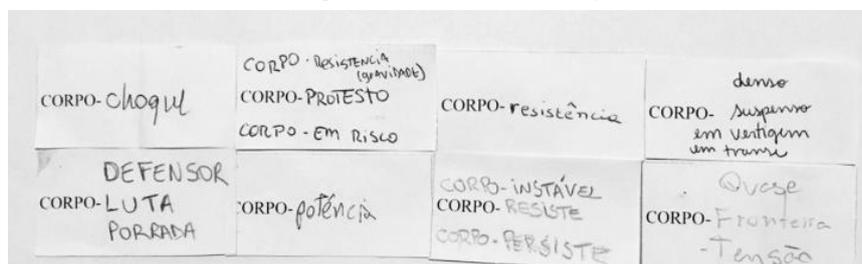
O processo de toda pesquisa resultou em uma dança-solo apresentada no Departamento de Artes Corporais da UNICAMP. Tinha como objetivo ser apresentada para o público em geral, mas a maioria das pessoas presentes na apresentação eram estudantes do Instituto de Artes.

A presença do público era fundamental para a realização da pesquisa, pois um dos objetivos do trabalho era perceber como esse processo de criação em dança a partir de imagens chegava ao público imageticamente. Meu desejo inicial era que as pessoas pudessem me entregar este *feedback* através de uma imagem, mas para isso as pessoas teriam que desenhar.

Poderia utilizar outras metodologias para receber o *feedback* por imagens, como por exemplo pedir que fotografassem algo que representasse o que eles imaginaram ou enviassem uma ou mais imagens coletadas na internet, posteriormente, para mim. Mas isso tiraria a relação público-obra estabelecida naquele momento e não representaria de fato o que perpassaram sua imaginação.

Nesta perspectiva, minha orientadora sugeriu que fizéssemos um esquema onde escrevêssemos a palavra CORPO seguida por um hífen e pedíssemos para o público que completasse, após o hífen, com uma palavra que melhor correspondesse sua percepção imagética da dança-solo. Este procedimento se mostrou muito rico, principalmente na hora de analisar os *feedbacks*.

Figura 20 Alguns dos *feedbacks* do público.

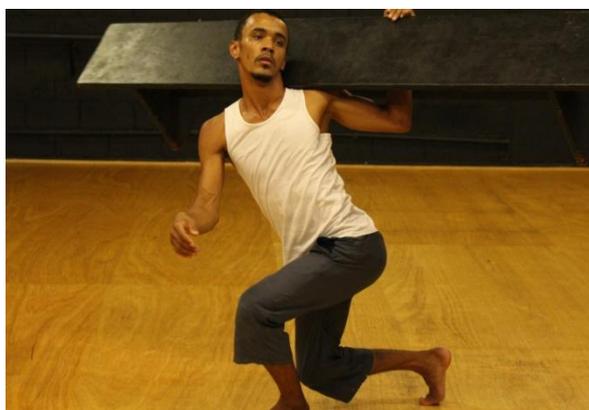


Fonte: Registro do autor

Vale ressaltar que antes de completar o papel dado a eles no final do dança-solo, os mesmos não tinham conhecimento sobre o que se tratava a temática da apresentação. Mesmo assim conseguimos visualizar palavras-conceitos que perpassam a temática dos levantes. Como podemos ver na imagem acima: *luta, defensor, porrada, choque, resistência, protesto, em risco, potencia, instável, persiste, denso, suspenso, em vertigem, em transe, quase, fronteira, tensão*.

Apresento abaixo um exemplo de como todo elemento em cena é informação. Durante a apresentação, houve um momento que estabeleci uma relação com o objeto cênico que era o banco. Este momento surgiu da pesquisa da relação da gravidade e o pesar as costas em relação à figura 17 e figura 18. Porém para uma pessoa que assistiu à apresentação este momento teve caráter totalmente religioso. Na sua leitura ela me relatou que veio a imagem de Cristo carregando a cruz.

Figura 21 Abertura de processo “Quando os corpos dizem não”, 2019, Campinas-SP.



Fonte: Registro do autor Foto: NathanaelMartins

Meu desejo enquanto artista é estar atento às interpretações da obra por parte do público. Isto porque me interessa em observar as possíveis associações referentes a questões raciais, religiosas e de gênero, entre outras questões que tensionam a vida social contemporânea, mesmo quando estas não estão colocadas explicitamente na temática coreográfica.

3 RELAÇÃO ARTE-MUNDO

Além das reflexões no campo da criação em dança a pesquisa me possibilitou observar fenômenos autoritários contra a população que manifesta sua insatisfação a determinadas atitudes realizadas pelo governo. No caso em que apresento a seguir, as manifestações em que observei este fenômeno foram referentes à candidatura do atual presidente que ocorreram no mês de outubro de 2018.

Durante a vigência do projeto eu participei de algumas manifestações pela educação no centro de Campinas e foi como se eu estivesse em uma pesquisa de campo. Foi possível observar desde pequenos gestos de levantes como, por exemplo, a confirmação de presença nas manifestações através do *Facebook* até os gestos de mãos levantadas durante a passeata – “por gestos (intensos)”. A palavra me parecia à forma mais forte de combate, era possível identificá-las através de bandeiras e faixas cujas frases afirmavam a opinião das pessoas ali presentes e caso isso não fosse suficiente, gritos, canções e

discursos em megafone tomavam as ruas revelando o que as pessoas ali estavam sentindo sobre as decisões do atual presidente – “por palavras(exclamadas)”.

A frase que marcou a onda – “por elementos (desencadeados)” de manifestações que ocorreram neste período foi o slogan “ELE NÃO” – por palavras (exclamadas).

Figura 21 Ato contra a candidatura do atual presidente, 20 de março de 2020, Campinas.



Fonte: Arquivo pessoal Breno Cobra

Durante as manifestações me chamou a atenção a presença constante de policiais acompanhando o ato. Fenômeno que de certa forma se configura em uma relação de poder autoritária – por conflitos (abrasados). Como sinaliza Butler (2017):

Os governos e a mídia às vezes chamam o que veem de “manifestação”, acreditando se tratar de uma situação temporária, ou de “motim”, percebendo apenas uma ação caótica e sem reivindicações claras, ou, ainda, de “atentado à segurança do Estado”, o que justifica mais facilmente a intervenção da polícia e do exército com violência, averiguações de identidade, prisões e manobras e dispersão com o uso da força. Nesse caso, envolvidos em levantes não são vistos como cidadãos expressando uma vontade popular: são vistos antes como uma “população” que deve ser contida e controlada. (BUTLER, 2017, p.29, grifos da autora)

A filósofa completa seu pensamento argumentando que o aparelho policial tem o poder de controlar as manifestações no tempo e no espaço. Ou seja, você pode se juntar com outras pessoas e ocupar a rua a fim de reivindicar um direito, desde que no espaço/trajeto e tempo/horário delimitado pelo aparelho policial, que é regido pelo Estado.

O aparelho policial e carcerário sempre está implicitamente presente num levante. O poder policial espera o povo na fronteira espacial ou no limite temporal de um levante, garantindo que a decorrência do fenômeno se mantenha pontual tanto em termos de tempo como

espaço, na tentativa de conter os efeitos de transmissão e contágio. Quando a polícia se junta à multidão ou baixa as armas, o levante está em vias de se tornar revolução. É algo que raramente ocorre. (BUTLER, 2017, p. 29)

Interessante notar como o levante está sempre em processo de atualização. Na época em que participei destas manifestações – outubro de 2018 – o levante era ir para as ruas e se juntar com outras pessoas em uma caminhada pré-programada chamada de ato–por desejos (indestrutíveis). O *slogan* da época era a indicação “vem pra rua”. Hoje, na data em que escrevo este artigo, março de 2020, o ato de levante é totalmente oposto ao anterior. Por causa da pandemia de COVID-19, causado pelo novo coronavírus.

Segundo o médico pediatra e infectologista pediatra, Aroldo Prohmann de Carvalho (2020). O novo coronavírus obteve uma mutação de animais selvagens para infectar populações humanas, seu primeiro aparecimento se deu na cidade de Wuhan na China, onde há um grande comércio de animais selvagens legalizado. A grande problemática reside na fácil transmissão deste vírus entre indivíduos, tendo em poucos meses se espalhado em escala global fazendo a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretar estado de pandemia. O vírus causa problemas respiratórios, levando pessoas mais velhas ou com comorbidades a óbito em algumas semanas.

Com o intuito de controlar a manifestação do vírus, a OMS aconselhou a população do mundo inteiro a ficar dentro de suas casas, evitando assim o risco de transmissão. Esta medida modificou a dinâmica da sociedade em nível global. Escolas e universidades paralisaram suas aulas; eventos artísticos foram cancelados; empresas não abriram para expediente, apenas comércios essenciais mantem-se abertos, como por exemplo, mercados e farmácias.

Autoridades do mundo inteiro acataram o pedido da OMS e paralisaram suas atividades a favor da saúde da população. Porém no dia vinte e três de março de dois mil e vinte o atual presidente do Brasil, fez um pronunciamento a população no qual anunciou que a economia do país não pode parar, mesmo que haja uma quantidade de óbitos relativamente grande. Neste mesmo discurso pediu que a população brasileira volte a trabalhar normalmente, mesmo que exposta a possível contaminação pela COVID-19.

Neste sentido, o levante reconfigura e se transforma na atitude de ficar em isolamento social dentro de casa. Indo contra uma força opressora autoritária de poder que visa por a saúde pública em risco a favor da economia.

4. Considerações Finais

Acolhendo como recorte a temática dos levantes, entendo que, nesta pesquisa, as imagens trouxeram um vocabulário para as práticas corporais e estas se transferiram para o corpo pelo movimento, sendo percebidas no final do processo pelo público.

Perceber este processo de transferência de sentido de estimulação-imagem para criação-imagem para recepção-imagem foi importante pois me permitiu refletir sobre as relações entre a seleção dos métodos e materiais escolhidos pelo intérprete-criador para a concepção da obra e as possíveis percepções e leituras desta por parte do público.

Sobre este processo de recepção da obra pelo público Okamoto (2010) comenta: “O espectador reage às *provocações* da obra: confere sentido às

coisas, completando espaços vazios. A partir da percepção física da obra (a apreensão pelos sentidos) o espectador atribui valor a ela (o sentido)". E, finaliza "É no corpo do espectador, e não no corpo do atuante, que a dramaturgia de ator se completa". (p. 57- 58, grifo do autor)

E por ser no corpo do outro que a dramaturgia se completa é importante o intérprete-criador estar atento às possíveis afetações geradas por sua obra, assim como, como a própria obra está exposta a elas. Em cena não existe neutralidade; cada escolha – gesto, objeto, espacialidade – gera uma diversidade de percepções e leituras. Cabe ao intérprete-criador estar atento às escolhas que compõem a dramaturgia que deseja construir, do contrario ele poderá trazer referências que reforçam discursos, pensamentos, atitudes pejorativas a um determinado grupo social, ao movimento negro, ao movimento feminista, ao movimento LGBTQ+ entre outros. Neste sentido, defendo que o intérprete-criador precisa, como artista, estar atento às questões socioculturais e políticas de seu contexto. E, tal processo se torna possível a partir do conhecimento histórico, social e da abertura de si para o outro.

Ressalto ainda que a minha pesquisa além de ter sido um aprofundamento da minha experiência enquanto artista, também me possibilitou acessar conhecimentos teóricos para analisar situações de conflito político que vem ocorrendo no Brasil como, por exemplo, o abuso da repressão policial sobre manifestantes (ELPAIS, 2017) e o discurso irresponsável do atual presidente.

BIBLIOGRAFIA

A volta ao mundo dos abusos policiais contra as manifestações. **ELPAÍS**, São Paulo, 05 de jun. de 2017. Disponível em :<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/politica/1452768053_226994.html> Acesso: 28 de nov. de 2017.

BUTLER, Judith. Levante. In: **LEVANTES**. DIDI-HUBERMAN, Georges (Org). São Paulo: Editora Sesc, 2017.

COELHO NETTO, José Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

COSTAS, Ana Maria Rodriguez. **As contribuições das abordagens somáticas na construção de saberes sensíveis da dança**: um estudo do projeto "Por que Lygia Clark?". 2010. 248 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DE CARVALHO. *et al.* **Novo coronavírus** (COVID-19), Sociação brasileira de pediatria, n. 14, p. 01-12, 2020.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: Editora Sesc, 2017.

COLLETA, Ricardo Della. Em pronunciamento, Bolsonaro critica fechamento de escolas, ataca governantes e culpa mídia. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 24 de mar. de 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/em-pronunciamento-bolsonaro-critica-fechamento-de-escolas-ataca-governadores-e-culpa-midia.shtml>>
Acesso: 30 de abr. de 2020.

LIMA, D. **Gesto**: práticas e discursos. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2013.

LOBO, L.; CASTRO, C. N. A. de. **Arte da composição**: teatro do movimento. Brasília: Editora LGE, 2008.

MONDZAIN, Marie-José. In: **LEVANTES**. DIDI-HUBERMAN, Georges (Org). São Paulo: Editora Sesc, 2017.

NEGRI, Antonio. O acontecimento “levante” In: **LEVANTES**. DIDI-HUBERMAN, Georges (Org). São Paulo: Editora Sesc, 2017.

OKAMOTO, Eduardo. Anotações para uma dramaturgia do ator. **Rebento: Revista de Artes do Espetáculo**, n. 2, 7/2010, p.52-58.

WEDEKIN, Luana M. A sublevação de Atlas: notas sobre o método de Georges Didi-Huberman. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 15, n. 1, p. 027-049, 2019.